

SILENCIAMENTO E SUBALTERNIZAÇÃO EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA ADICHIE¹

TACIANA DE MOURA ALEXANDRE²

Resumo: Este trabalho propõe uma leitura do silenciamento e subalternização da mulher negra no romance *Americanah* (2013), da escritora nigeriana Chimamanda Adichie. A análise privilegia a personagem principal Ifemelu, mas também se volta a discutir outras personagens femininas com intuito de ratificar a hipótese de que as mulheres negras são ainda o grupo social que mais sofrem com a estrutura social patriarcal e racista, em especial, quando se encontram na condição de imigrante, como nos mostra o enredo da obra. Para efetuar esse breve estudo, como base teórica, recorreremos ao pensamento de Grada Kilomba (2019), Gayatri Spivak (2010), Angela Davis (2016), bell hooks (2015), Lélia González e Carlos Hasenbalg (1982), Julia Kristeva (1994) e, ainda, da própria Chimamanda Adichie (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Silenciamento; Subalternização; Chimamanda Adichie

Resumen: Este trabajo propone una lectura del silenciamiento y subalternización de la mujer negra en la novela *Americanah* (2013), de la escritora nigeriana Chimamanda Adichie. El análisis privilegia al personaje principal Ifemelu, pero también se vuelve a discutir otros personajes femeninos con el fin de ratificar la hipótesis de que las mujeres negras son aún el grupo social que más sufren con la estructura social patriarcal y racista, en especial, cuando se encuentran en la condición de inmigrante, como nos muestra la trama de la obra. Para realizar este breve estudio, como base teórica, recurrimos al pensamiento de Grada Kilomba (2019), Gayatri Spivak (2010), Angela Davis (2016), Bell Hooks (2015), Lélia González y Carlos Hasenbalg (1982), Julia Kristeva (1994) y, además, de la propia Chimamanda Adichie (2019).

PALABRAS CLAVE: Literatura africana; Silencio; Subalternización; Chimamanda Adichie

¹ Artigo elaborado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) da UFRPE, sob orientação da prof. Dr.^a Sherry Almeida

² Graduanda em Licenciatura em Letras.

Introdução

Lagos, anos 1990. Enquanto Ifemelu e Obinze vivem o idílio do primeiro amor, a Nigéria enfrenta tempos sombrios sob um regime militar. Em busca de alternativas às universidades nacionais, paralisadas por sucessivas greves, a jovem Ifemelu muda-se para os Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que se destaca no meio acadêmico, ela se depara pela primeira vez com a questão racial e tem de enfrentar as agruras da vida de imigrante, mulher e, sobretudo, negra. Se Obinze planeja encontrá-la, seus planos tornam-se menos promissores depois do Onze de Setembro, quando as portas americanas se fecham aos estrangeiros. Quinze anos mais tarde, Ifemelu é uma aclamada blogueira que reflete sobre o dia a dia dos africanos na América, mas o tempo e o sucesso não atenuaram o apego à terra natal, tampouco afrouxaram sua ligação com Obinze. Ao voltar para a Nigéria, ela terá de encontrar um lugar na vida de seu companheiro de adolescência e num país muito diferente do que deixou.

É assim que a editora Companhia das Letras traz o enredo de um romance bastante elogiado pelo mundo, publicado originalmente em 2013 em inglês, por Chimamanda Ngozi Adichie, principal autora nigeriana de sua geração e uma das mais destacadas da cena literária internacional. A autora parte de uma história de amor arrebatadora para debater questões prementes e universais como imigração, preconceito racial e desigualdade de gênero. Bem-humorado, sagaz e implacável, conjugando o melhor dos grandes romances e da crítica social, *Americanah* é considerado pela crítica um épico da contemporaneidade e a edição brasileira de 2014 sob tradução de Julia Romeu será objeto de estudo deste trabalho.

Todas as subjetividades que reverberam negritude são subjugadas, e ser uma universitária negra e periférica num curso de licenciatura não me livrou disto. Além disso, o baixíssimo percentual de professores e professoras negros nos vários cursos universitários, inclusive no que eu cursei – Licenciatura em Letras da UFRPE –, é uma amostra dos problemas da representatividade negra nas universidades públicas federais. Certamente, o meu lugar de fala foi crucial para a escolha da obra, cuja personagem principal, Ifemelu vivencia inúmeras situações de racismo cotidiano e subalternidade. Ainda que se trate de uma obra traduzida da língua inglesa para a língua portuguesa, a

qualidade da produção e a genialidade de Adichie é percebida a cada página. Para tanto, este trabalho terá como base teórica as autoras: Spivak (2010), Kilomba (2019), Davis (2016) e hooks (2015) entre outras. Para tanto, o artigo se divide em três tópicos: o primeiro, que apresenta uma breve discussão sobre o silenciamento da mulher negra; o segundo, que dá conta de explicitar ideias sobre o conceito de subalternização e o terceiro e último, em que o romance *Americanah* é posto em análise com base nas teorias aqui discutidas.

1. Considerações iniciais sobre o silenciamento da mulher negra

Do constrangimento de um bipe na entrada de um Banco à uma abordagem indevida na entrada de um estabelecimento comercial, situações de racismo estrutural ainda fazem parte do cotidiano das mulheres negras, embora estejamos no ano de 2021 em pleno século XXI. A elucidação de Kilomba dialoga diretamente com as inúmeras situações de racismo vivenciadas por mulheres negras:

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão "fora do lugar" e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão "no lugar", "em casa", corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, no centro, bem como na periferia. Através de tais comentários, intelectuais negras/os são convidadas/os persistentemente a retornar a "seus lugares", "fora" da academia, nas margens, onde seus corpos são vistos como "apropriados" e "em casa". (KILOMBA, 2019, p 56-57)

Problematizar o silenciamento da mulher negra/ preta é admitir o quão pouco avançamos com a dívida histórica, social, econômica e política para com essa parcela tão numerosa da população. O próprio uso da palavra "negra" já foi internalizado como algo ruim, obscuro, feio: lista negra, "a coisa tá preta", "fede a negro", denegrir, "preto de alma branca!", mercado negro, "Amanhã é dia de branco!". Algumas destas expressões reverberam o quão perverso e poderoso é o silenciamento da mulher negra, sendo este, do nome propriamente dito (negra) à sua posição na pirâmide social desde do período

de escravização. De acordo com Grada Kilomba a escolha das palavras reverberam relações de poder, nas quais o padrão será a branquitude:

No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o "objeto ruim", incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável - permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa. (KILOMBA, 2019, p. 37)

A representatividade das mulheres negras vem crescendo perceptivelmente, no entanto, a sociedade ainda insiste em mantê-las na base da pirâmide social, sempre na condição de maior dificuldade de ascensão social. Seria então o "silenciamento" da mulher negra uma fantasia? Ou ainda pior, será que a democracia racial existe? Quando pensamos na posição do/a sujeito/a negra/o/preta/o somos tentados por impulso a realizar uma análise atual é instantânea, e, por consequência, chegar a uma observação rasa e cheia de lacunas e mentiras. Para entendermos corretamente a posição da mulher negra na sociedade ocidental, é crucial fazermos um deslocamento histórico, ou seja, voltar para o passado. Neste passado iremos encontrar a "história única" que deve ser ignorada e devemos seguir um pouco mais adiante, desbravando as nuances da "história não contada", "não dita", "não valorizada", da história silenciada, conforme Chimamanda Adichie, há sempre o perigo da história única:

O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (ADICHIE, 2009, p. 10-11)

De acordo com o dicionário Priberam (2021) o verbo “silenciar” contempla quatro significados: 1. Impedir de falar, impor silêncio. = CALAR; 2. Não mencionar. = CALAR, OMITIR; 3. Tirar a vida a. = MATAR; 4. Guardar silêncio. A perspectiva de silenciamento abordada neste trabalho dialoga com os quatro sentidos apresentados, visto que, mulheres negras foram/são impedidas de falar, apagadas da História e da Ciência, assassinadas e traumatizadas. Conectando o silenciamento da mulher negra contemporânea e o da mulher negra colonial, é pertinente observar os mecanismos de silenciamento utilizados nas respectivas épocas. No passado, fazia-se uso da máscara em negras escravizadas:

A máscara, portanto, levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o sujeito negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tapada? E o que o sujeito branco teria de ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o sujeito colonial falar, a/o colonizadora/or terá de ouvir. Seria forçada/o a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades da/o "Outra/o". (KILOMBA, 2019, p. 41)

Já para mulher negra contemporânea um dos mecanismo de silenciamento é a descredibilização do conhecimento científico ou saberes:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se especialistas em nossa cultura, e mesmo em nós. (KILOMBA, 2019, p. 51)

O uso da máscara como mecanismo de silenciamento da mulher negra escravizada é uma confirmação da resistência e luta contra o sistema escravocrata, nesse campo outra reflexão necessária é o desconforto da branquitude com a “voz” da mulher escravizada. Nesse hiato a mulher negra contemporânea vivencia esse mesmo silenciamento, no entanto, a máscara assumiu ramificações mais violentas e eficazes: infantilização, primitivação, incivilização, animalização e erotização. Além disso, é

importante frisar como o Feminismo, em suas pautas iniciais, voltadas aos anseios e direitos das mulheres brancas, também, contribuiu para a manutenção do silenciamento da mulher negra, visto que, a construção de feminilidade e as vivências culturais, sociais e econômicas de mulheres negras e brancas seguem linhas absurdamente distintas. Em suma, o pensamento feminista moderno silencia a interseccionalidade de preconceitos sofridos pela mulher negra, conforme elucida hooks: “Em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar a, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação.” (hooks, 2015, p. 207)

Outro silenciamento muito recorrente na vida das mulheres negras é o apagamento de sua “História”. Indo de encontro à falácia da “histórica única”, a filósofa Angela Davis descreve o perfil da mulher negra escravizada:

Elas não representam, em hipótese alguma, as experiências acumuladas por todas essas mulheres que labutaram sob o chicote de seus senhores, trabalharam para sua família, protegendo-a, lutaram contra a escravidão e foram espancadas, estupradas, mas nunca subjugadas. Foram essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher. (DAVIS, 1981, p. 43)

As escravizadas são apresentadas como mulheres submissas, subservientes, temerosas, erotizadas, subjugadas, animalizadas, negando-se a postura de trabalho resistência e não aceitação da violência. Vale a pena salientar que o silenciamento da mulher negra está diretamente associado à subalternidade, que será o ponto analisado no próximo tópico.

2. Considerações sobre a subalternização da mulher negra

Unitária, coerente, sem contradições e quase sempre representada pela classe trabalhadora, vale salientar que esse pensamento como: religião, etnia, classe e raça.

Com o propósito de problematizar a relação entre poder e representação, Spivak (2010) também questiona como o sujeito do terceiro mundo é discutido no discurso ocidental, expondo a precária construção do sujeito subalterno no contexto colonial: “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subjetividade.” (2010, p. 47).

Da mesma maneira, Spivak (2010) afirma que o sujeito pós colonial precisa expor suas vivências, e não fazer cópias do que já foi vivido:

Sem qualquer possibilidade de nostalgia pela origem perdida, o historiador deve suspender (tanto quanto possível) o clamor de sua própria consciência (ou consciência-efeito), como sendo operada pelo treinamento disciplinar, para que a elaboração da insurgência, empacotada em uma consciência - insurgente, não se congele em um "objeto de investigação" ou, pior ainda, em um modelo de imitação. "O sujeito", inferido pelos textos de insurgência, pode servir apenas como uma contrapossibilidade para as sanções narrativas conferidas ao sujeito colonial nos grupos dominantes. Os intelectuais pós-colonialistas aprendem que seu privilégio é sua perda. Nisso eles são um paradigma dos intelectuais. (SPIVAK, 2010, p. 65)

Além das problemáticas apresentadas acima, Spivak consegue direcionar o leitor a uma profunda reflexão sobre: o papel do intelectual na representação do subalterno; a violência epistêmica que emudece o sujeito subalterno; a dificuldade do sujeito subalterno de entender sua própria precarização. Um cruzamento pertinente com o pensamento de Spivak está presente na obra de Davis (2010). No contexto colonial o sujeito subalterno é construído precariamente em termos de subjetividade e com a mulher negra escravizada não foi diferente. Para muitas mulheres negras, ou de cor, recordar as aulas, cuja temática era escravização, é um processo absurdamente doloroso, visto que a violência epistêmica ocupa um espaço assustador nas salas de aula, criando imaginários sociais falaciosos, onde as mulheres negras eram, apenas, escravizadas, submissas, amedrontadas, covardes, embora tenham protagonizado um papel fundamental na construção da resistência e do “resistir” à escravização:

Elas não representam, em hipótese alguma, as experiências acumuladas por todas essas mulheres que labutaram sob o chicote de seus senhores, trabalharam para sua família, protegendo-a, lutaram contra a escravidão e foram espancadas, estupradas, mas nunca subjugadas. Foram essas mulheres que transmitiram para suas descendentes do sexo feminino, nominalmente livres, um legado de trabalho duro, perseverança e autossuficiência, um legado de tenacidade, resistência e insistência na igualdade sexual – em resumo, um legado que explicita os parâmetros para uma nova condição da mulher. (DAVIS, 2016 p. 44)

Similarmente a condição da mulher negra após o período de escravização nos Estados Unidos, que durou 270 anos, sendo abolida oficialmente em 1863 não mudou já que estas seguiram na base da pirâmide social:

A equiparação ocupacional das mulheres negras com o serviço doméstico não era, entretanto, um simples vestígio da escravidão destinado a desaparecer com o tempo. Por quase um século, um número significativo de ex-escravas foi incapaz de escapar às tarefas domésticas. A história de uma trabalhadora doméstica da Geórgia, registrada por um jornalista de Nova York em 1912, reflete a difícil situação econômica das mulheres negras das décadas anteriores, bem como de muitos anos depois. Mais de dois terços das mulheres negras de sua cidade foram forçados a encontrar empregos como cozinheiras, babás, lavadeiras, camareiras, vendedoras ambulantes ou zeladoras e se viram em condições “tão ruins, se não piores, do que as do período da escravidão”. (DAVIS, 2016, p. 106)

A importância dessas pensadoras é ímpar, não só para respaldar este trabalho, mas também, para entender a urgência no questionamento dos perigos da única história e em como a construção favorece determinados grupos e aniquila outros.

3. A condição silenciada e subalternizada de Ifemelu

No decorrer da obra *Americanah*, a personagem Ifemelu enfrenta inúmeras tensões em suas relações interpessoais com outra africana, expondo a ilusória

singularidade do “somos africanas”, como no trecho:

É claro que falo igbo” , disse Ifemelu na defensiva, enquanto se perguntava se Aisha mais uma vez estava sugerindo que os Estados Unidos a tinham mudado. “Cuidado!”, acrescentou, porque Aisha tinha passado um pente de minúsculos por uma madeixa. //“Seu cabelo é duro”, disse Aisha. “Não é duro”, retrucou Ifemelu. “Você está usando o pente errado.” Ela tirou o pente das mãos de Aisha e colocou-o sobre a mesa. (ADICHIE, 2014, p.49)

Já neste trecho, Ifemelu, ao perceber o imaginário branco de negritude, contesta com o uso consciente do seu lugar de fala:

Não, você disse direitinho. Aceito uma água ou um suco de laranja, por favor.” Ifemelu mais tarde se daria conta de que Kimberly usava a palavra “lindo” de uma maneira peculiar. “Vou encontrar minha amiga linda do mestrado”, dizia ela, ou: “Estamos trabalhando com essa mulher linda no projeto para o centro da cidade”, e as mulheres a quem se referia sempre acabavam sendo pessoas de aparência nada extraordinária, mas negras. Um dia, mais para o fim do inverno, quando ela estava com Kimberly naquela mesa enorme da cozinha, tomando chá e esperando que as crianças chegassem de um passeio com a avó, Kimberly disse: “Ah, olhe que mulher linda”, e apontou para uma modelo sem graça numa revista, cuja única característica diferente era uma pele muito escura. “Ela não é incrível?”// “Não é, não.” Ifemelu fez uma pausa. “Sabe, você pode simplesmente dizer que uma pessoa é negra. Nem toda pessoa negra é linda. (ADICHIE, 2014, p.161)

Subalternização é a disseminação de práticas discursivas, cujo objetivos são legitimar violências, silenciamentos e apagamentos através da construção de imaginários sociais relacionados ao lugar de determinados grupos sociais: latinos, negros, mulheres negras ou de cor, LGBTQIA+, ou seja, o mecanismo que contribui para construção de um Outro que será diferente e ao mesmo tempo inferior, marginal. No transcorrer da obra a personagem principal sofre inúmeras situações de violência epistêmica dialogando diretamente com o pensamento de Spivak.

Laura pegou o cardápio de novo. “Na pós-graduação conheci uma africana que era igual a esse médico, acho que era de Uganda. Ela era

maravilhosa e não se dava nem um pouco com a afro-americana da nossa aula. Não tinha todas aquelas questões.” // “Talvez na época em que o pai da afro-americana não podia votar por ser negro o pai da ugandense fosse candidato ao Parlamento ou estudasse em Oxford”, disse Ifemelu. // Laura olhou para ela com uma expressão de confusão fingida. “Desculpe, será que não entendi alguma coisa?” // “Só acho que é uma comparação simplista. Você precisa entender história um pouco melhor”, disse Ifemelu. (ADICHIE, 2014, p.184)

Analisando os discursos das duas personagens, é possível colocar em diálogo com o pensamento de Spivak, que explica como se mantém o sujeito subalterno feminino e quais são estratégias utilizadas para o seu silenciamento. É palpável o posicionamento imperialista e racista da personagem Laura, que nas entrelinhas de sua fala prega uma africanidade única, singular e restrita, transformando Ifemelu no “Outro”. Percebe-se no trecho acima que Ifemelu se posiciona num lugar de fala de não aceitação e discordância em relação ao pensamento simplista, revelando uma mulher que não aceita, entre outras coisas, a histórica única, cheia de estereótipos sobre a africanidade. Enquanto, no trecho seguinte, percebem-se as sutilezas da tensão racial tão latente nos EUA:

Ginika sorriu e olhou para a caixa, que sorriu e olhou para Ginika, e dois segundos flácidos se arrastaram até que a segunda disse, num tom alegre. “Não tem problema, eu descubro depois e garanto a comissão dela”. // Quando saíram da loja, Ifemelu disse: “Eu estava vendo a hora que ela ia perguntar: ‘Foi a que tinha dois olhos ou a que tinha duas pernas?’. Por que ela não perguntou se tinha sido a negra ou a branca?”. // Ginika riu. “Porque aqui é América. A gente tem que fingir que não nota certas coisas.” (ADICHIE, 2014, p.138)

Já no fragmento abaixo, a personagem Ifemelu, em conversa com a personagem da tia Uju arremata de maneira direta e aberta o quanto a condição de ser estrangeira impõe aculturações e silenciamentos aos imigrantes

Vou ter que desfazer minhas tranças para a entrevista e fazer relaxamento no cabelo. Kemi disse que não devo usar tranças na entrevista. Eles acham que você não é profissional se tem o cabelo trançado.” // “Então não existem médicas de cabelo trançado nos Estados Unidos?”, perguntou Ifemelu. // “Falei o que me disseram. Você está num país que não é o seu. Faz o que precisa fazer se quiser ser bem-sucedido. (ADICHIE, 2014, p.130)

Nesta passagem a personagem Ifemelu havia chegado aos EUA a pouco tempo e estava resolvendo os trâmites imigratórios. A personagem tia Uju na intenção de ajudá-la lhe entrega o cartão de Seguridade Social para que Ifemelu não seja deportada. A narrativa proporciona ao leitor, um vislumbre de como as estrangeiras negras são percebidas nos EUA. De acordo com KRISTEVA (1994), a construção do estrangeiro está na nossa dificuldade em viver com "outro". O romance de Adichie expõe claramente os obstáculos institucionais que se impõem dificultando a vida dos imigrantes:

e passou diversos minutos olhando mais uma vez para o cartão de Seguridade Social e a carteira de motorista que pertenciam a Ngozi Okonkwo. Tinha no mínimo dez anos a mais do que Ifemelu, um rosto fino, sobrancelhas que começavam em bolinhas e se transformavam em arcos e um maxilar em forma de V. // “Eu não pareço nada com ela”, dissera Ifemelu quando tia Uju lhe dera o cartão. // “Os brancos acham que nós todos somos parecidos.” // “Ahn-hã, tia!” // “Não estou brincando...(ADICHIE, 2014, p.132)

O trecho abaixo se passa num supermercado e temos três personagens negros com posturas totalmente diferentes. Dike que foi criado nos EUA, tia Uju que vive nos EUA a alguns anos e Ifemelu que chegara a pouco tempo, logo, tem-se três sujeitos com percepções e vivências, até certo ponto, distintas. Este trecho revela uma percepção sensível da personagem Ifemelu para com a sua tia em conformidade com o entendimento de Spivak (2010) sobre o grau de consciência dos oprimidos sob a opressão que os acomete:

“Dike, ponha isso lá de volta”, disse tia Uju, com o sotaque anasalado e escorregadio que usava quando falava com americanos brancos, na presença de americanos brancos, ou onde pudesse ser ouvida por americanos brancos. Junto com o sotaque, surgia uma nova personalidade, de alguém que pedia desculpas, rebaixava-se. Ela foi solícita em excesso com a caixa. “Desculpe, desculpe”, disse, procurando o cartão de débito na carteira. Como a mulher estava olhando, tia Uju deixou Dike ficar com o cereal, mas, quando eles chegaram ao carro, agarrou sua orelha, puxou e torceu. (ADICHIE, 2014, p.120)

Percorrendo a obra encontramos, mais uma vez, diálogo possível com o Spivak (2010) no que tange à consciência do oprimido sob a opressão que o acomete e como o corpo da personagem Uju revela, em conformidade com GONZALEZ (1982), “a falácia da democracia racial nos EUA” pode ser projetada no corpo subalternizado:

Ela havia presumido, pelos telefonemas de tia Uju, que as coisas não estavam muito ruins, embora agora estivesse se dando conta de que ela sempre era vaga nas conversas, mencionando “o trabalho” e “as provas” sem dar detalhes. Ou talvez fosse porque Ifemelu não tinha pedido detalhes, imaginando que não os compreenderia. E Ifemelu pensou, olhando para ela, que a velha tia Uju jamais usaria tranças tão malfeitas. Jamais teria tolerado os pelinhos encravados que pareciam passas em seu queixo, ou usado calças que sobravam entre as pernas. A América a deixara submissa. (ADICHIE, 2014, p.121)

Já, na passagem seguinte, a personagem Ifemelu, mostra-se consciente do seu lugar de fala, Ribeiro (2019) e quebra o pensamento imperialista da personagem Kimberly em relação à percepção de beleza feminina para a mulher de 3º mundo:

Ifemelu mais tarde se daria conta de que Kimberly usava a palavra “linda” de uma maneira peculiar. “Vou encontrar minha amiga linda do mestrado”, dizia ela, ou: “Estamos trabalhando com essa mulher linda no projeto para o centro da cidade”, e as mulheres a quem se referia sempre acabavam sendo pessoas de aparência nada extraordinária, mas negras. // Um dia, mais para o fim do inverno, quando ela estava com Kimberly naquela mesa enorme da cozinha, tomando chá esperando que as crianças chegassem de um passeio com a avó, Kimberly disse: “Ah, olhe que mulher linda”, e apontou para uma modelo sem graça numa revista, cuja única característica diferente era uma pele muito escura. “Ela não é incrível?” // “Não é não.” Ifemelu fez uma pausa. Sabe, você pode simplesmente dizer que uma pessoa é negra. Nem toda pessoa negra é linda.” (ADICHIE, 2014, p.161)

Percebe-se no trecho abaixo como a linguagem literária consegue humanizar o “sentir” da vítima de racismo (Ifemelu) bem como a perturbação causada pela mirada branca ao sujeito negro conforme explica Kilomba (2019):

Ele se empertigou quando a viu. Seu rosto mostrou uma breve surpresa e depois congelou numa expressão de hostilidade. // “Você chamou para

limpar o carpete?”, perguntou, como se não se importasse, como se ela pudesse mudar de ideia, ou ele quisesse que mudasse de ideia. // Ifemelu encarou o homem com uma provocação nos olhos, prolongando um momento carregado de presunções: ele achava que ela era dona da casa, e não era o que tinha esperado encontrar naquela casa de pedra imponente com pilares brancos. // “Sim”, disse Ifemelu, sentindo um cansaço súbito. “A sra. Turner me disse que vocês viriam.” // Foi como um passe de mágica, o desaparecimento instantâneo da hostilidade dele. O rosto do homem relaxou num sorriso. Ela também era uma empregada. O universo mais uma vez era como devia ser. (ADICHIE, 2014, p.181)

Por sua vez, a conversa abaixo se passa dentro de um salão de beleza e percebe-se o desconforto causado pelo comportamento da personagem Kelsey na personagem Ifemelu, que decide não iniciar uma conversa com ela. A postura de Ifemelu, além de revelar o desconforto, também revela o ódio, visto que, nesta passagem, Ifemelu já segue nos EUA a mais de 12 anos.

“As mulheres podem votar no seu país?”, perguntou Kelsey. // Mariama fez uma pausa mais longa. “Podem.” // “O que você está lendo?”, perguntou Kelsey a Ifemelu. // Ifemelu mostrou-lhe a capa do romance. Não queria iniciar uma conversa. Principalmente não com Kelsey. Reconheceu nela o nacionalismo dos americanos liberais que criticavam abundantemente os Estados Unidos, mas não gostavam que você o fizesse; esperavam que você fosse silencioso e grato, e sempre lembravam o quanto a América era melhor do que seu país de origem. (ADICHIE, 2014, p. 206)

Sobre a questão do ódio acrescenta-se aqui o trecho: “Mas ali, entre as fronteiras de si mesmo e dos outros, o ódio não o ameaça. O estrangeiro o espreita, tranquilizado a cada vez que descobre que ele não falta ao encontro, ferido pela eterna ausência do amor, mas quase feliz por essa permanência constante - real ou imaginária? - da aversão.” (KRISTEVA, 1994, p.21).

Após ter sido selecionada para uma entrevista de emprego, Ifemelu precisou alisar seu cabelo, caso contrário, não seria contratada. O silenciamento de Ifemelu deu-se através de seu corpo. Outra ressalva deste trecho é a sinestesia do texto literário em diálogo com o pensamento de “[...] nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor - a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se

também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade...” (KILOMBA, 2019 *apud* hooks, p. 59):

“Arde um pouco”, disse a cabeleireira. “Mas olha como está bonito. Uau, menina, você está com um balanço de branca!” // O cabelo de Ifemelu pendia em vez de se manter armado. Estava liso e cintilante, dividido na lateral e virando levemente para dentro na altura do queixo. Não tinha mais cachos. Ela não se reconheceu. Saiu do salão quase de luto; enquanto a cabeleireira alisava as pontas com um ferro, o cheiro de queimado, de algo orgânico morrendo, causou nela uma sensação de perda. (ADICHIE, 2014, p. 221)

Ainda no que diz respeito a sua aparência, neste trecho, em conversa com o namorado, a personagem Ifemelu entende a sua subalternização e o silenciamento de uma parte crucial da sua negritude, o cabelo:

“Por que você tem que fazer isso? Seu cabelo era lindo trançado. E aquela última vez, quando você tirou as tranças e deixou meio natural? Ficou ainda mais lindo, tão cheio e incrível.” // “Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser backing vocal numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado, que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo.” (ADICHIE, 2014, p. 222)

Após um tempo, Ifemelu decide assumir seu cabelo crespo, num ato de resistência e afirmação de sua negritude. Nas palavras de KILOMBA (2019, p. 127) “Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições de mulheres negras em relação a “raça”, “gênero” e beleza.”. Assim Adchie ficcionaliza essa moldagem da beleza de um cabelo afro: “Num dia comum do início da primavera — não havia nenhuma luz especial, nada de significativo aconteceu, e talvez fosse apenas porque o tempo havia transfigurado suas dúvidas, como muitas vezes acontece —, ela enfiou os dedos em seu cabelo, denso, esponjoso e glorioso, e não conseguiu imaginá-lo de outro jeito. Ifemelu simplesmente se apaixonou por seu cabelo”. (ADICHIE, 2014, p. 232)

A personagem Ifemelu após alguns anos nos EUA sente a necessidade de compartilhar suas experiências e percepções, através da escrita, para isto a personagem cria um blog que no decorrer de sua trajetória nos EUA vai expor inúmeras fissuras sociais que, aparentemente, são camufladas pelo imaginário social de uma América, cuja a democracia racial é uma falácia. A complexidade dos “racismos” experienciados pelos negros não americanos é interseccionalizado por dois fatores: ser negro e o ser estrangeiro, sendo o primeiro a justificativa para silenciamentos, violência e subalternidade. Frente a essas considerações KILOMBA (2019. p. 138) disserta “Como o racismo não é visto como um fenômeno social, aquelas/es que o enfrentam são sempre confrontadas/os com a mensagem de que suas experiências são decorrentes de sua própria sensibilidade excessiva e, portanto, são de sua própria responsabilidade.” ou seja, o racismo como uma interpretação da vítima:

Para outros Negros Não Americanos: Nos Estados Unidos você é negro, baby [...] Se estiver falando com uma pessoa que não for negra sobre alguma coisa racista que aconteceu com você, tome cuidado para não ser amargo. Não reclame. Diga que perdoou. Se for possível, conte a história de um jeito engraçado. E, principalmente, não demonstre raiva. Os negros não devem ter raiva do racismo. Se tiverem, ninguém vai sentir pena deles. Isso se aplica apenas a liberais brancos, aliás. Nem se incomode em falar de alguma coisa racista que aconteceu com você para um conservador branco. Porque esse conservador vai dizer que você é o verdadeiro racista e sua boca vai ficar aberta de espanto. (ADICHIE, 2014, p. 240)

É fascinante observar a mudança de postura da personagem Ifemelu durante a narrativa, nota-se que aos poucos a personagem a princípio aceita o seu silenciamento e sua subalternidade, mas, com o passar dos anos nos Estados Unidos sua identidade “americanizada” é sobressaltada e sua voz torna-se potência e resistência, força, poder. No trecho abaixo, Ifemelu entende o seu lugar de mulher negra, mas não se silencia e expõe as vísceras do racismo estrutural nos EUA, a partir de temática também problematizada por Gonzalez (1982) - o casamento interracial:

Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que

põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. Nem falamos com nosso namorado branco sobre as pequenas coisas que nos irritam e as coisas que queríamos que ele entendesse melhor, pois temos medo de que ele diga que estamos exagerando ou que nos ofendemos com facilidade demais. E não queremos que diga: 'Olhe como evoluímos, há apenas quarenta anos seria ilegal sermos um casal', porque sabe o que a gente está pensando quando ele diz isso? Por que foi ilegal um dia, porra? Mas não dizemos nada disso." (ADICHIE, 2014, p. 315)

Por fim, chamamos atenção para outro trecho, no qual, novamente, a personagem Ifemelu em atitude de não aceitação da subalternidade, questiona o pensamento e comportamento imperialista:

Certa vez, quando eles estavam assistindo a uma notícia sobre o divórcio de uma celebridade, Ifemelu tinha lhe dito que não entendia as honestidades rígidas e inequívocas que os americanos exigiam em seus relacionamentos. // "Como assim?", perguntara ele, com um tom que mostrava que estava pronto para discordar; Blaine acreditava em honestidades rígidas e inequívocas. // "É diferente para mim, e eu acho que é porque sou do Terceiro Mundo", dissera Ifemelu. "Ser uma filha do Terceiro Mundo é ter consciência de diversas instâncias e de como a honestidade e a verdade sempre vão depender do contexto." // Tinha se sentido inteligente ao pensar nessa explicação, mas Blaine sacudira a cabeça mesmo antes de ela terminar de falar e dissera: "Que coisa preguiçosa, usar o Terceiro Mundo desse jeito".(ADICHIE, 2014, p. 346)

Novamente percebemos a ficção de Adichie em consonância com o pensamento de Spivak:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da "mulher do Terceiro Mundo", encurralada entre a tradição e a modernização. (SPIVAK, 2010, p. 119)

O romance *Americanah* expõe em várias medidas essa invisibilização da mulher, mostrando que sua subalternização se dá em ações e discursos do cotidiano, quase nunca revelados como tal, porque naturalizados pelas sociedades, principalmente as que se constroem alicerçadas no patriarcado e no imperialismo como a sociedade norte americana.

Considerações Finais

Neste trabalho, analisamos as relações entre silenciamento e subalternização da mulher na obra *Americanah* (2014), de Chimamanda Ngozi Adichie. Preconceito racial, imigração e desigualdade de gênero são as principais problemáticas abordadas na obra analisada. Além disso, estamos conscientes que existem perdas em nossa análise, por entre outras questões, abordarmos uma tradução da obra literária. Entretanto, considerando que as ações narradas dão conta de situações que mostram conflitos humanos, portanto, universalmente conhecidos, foi possível desenvolver o estudo das ideias e refletir sobre os preconceitos ao longo do enredo. Primeiro explicamos o silenciamento da mulher negra embasadas nas pensadoras Kilomba (2019) e Davis (1981), cuja visão de silenciamento discutida neste trabalho, dialoga com quatro concepções: impedir de falar; não mencionar; tirar a vida; guardar silêncio. Mulheres negras foram/são proibidas de falar, foram/são apagadas da História e da Ciência, foram/são violentadas, traumatizadas e mesmo assassinadas pelo fato de serem mulheres negras. A tentativa de silenciamento atravessou toda a trajetória da mulher negra do período de escravidão reverbera-se na vida da mulher negra contemporânea, sublinhamos que as respectivas épocas utilizaram mecanismos de silenciamento distintos.

Em seguida esclarecemos numa explicação concisa sobre a subalternização presente em Spivak (2010) e Davis (2016). Subalternidade e silenciamento integram o cotidiano das mulheres negras, no entanto, as imigrantes dos países de “Terceiro Mundo” residentes em países de “Primeiro Mundo” sofrem essas relações de poder com mais violência, em virtude do sujeito subalterno ser construído precariamente em termos de subjetividade, além disso, o papel do intelectual para com o sujeito subalterno também é problematizado pelas pensadoras. No transcorrer da narrativa, Ifemelu e demais personagens femininas nos possibilita vislumbrar como o racismo, a desigualdade social e a xenofobia operam nos Estados Unidos da América o que nos estimula refletir sobre essas mesmas questões em contexto brasileiro, o que nos aponta a necessidade de aprofundamento da temática em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia & HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Polén, 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.